

CORREIO BRAZILIENSE

Na quarta parte nova os campos ara.
E se mais mundo houvera, lá chegara.
CAMÕES, e, VII e 14.

Diretor Presidente
Paulo Cabral de Araújo

Diretor de Redação
Luiz Adolfo Pinheiro

Diretor Vice-Presidente
Ari Cunha

Diretor Técnico
Ari-Lopes Cunha

Diretor Gerente
Evaristo de Oliveira

Diretor Comercial
Maurício Dinepi

Prioridade econômica

A despeito das graves turbulências políticas que hoje centralizam a atenção da sociedade, permanece a situação econômica como a questão crucial do País. Para manter o equilíbrio social em mínima posição de estabilidade é indispensável sustentar níveis convenientes de atividade econômica, quanto mais não seja nos limites toleráveis de utilidade operacional. Quando a ociosidade das empresas atinge percentual crítico, os primeiros sacrifícios são destinados aos trabalhadores, com a perda do emprego.

Ainda agora, a Empresa Brasileira de Aeronáutica, Embraer, dispensou nada menos de dois mil e 800 empregados, a fim de reduzir em 40 milhões de dólares a folha de pagamento e tentar reequilibrar o balanço financeiro. É uma decisão profundamente dolorosa e preocupante. Como se sabe, a Embraer alcançou prestígio internacional incomum, como fornecedora de aeronaves executivas de altíssima eficiência operacional e aparelhos militares para treinamento de pilotos. O mercado da empresa inclui países portadores de insuperáveis tecnologias aeronáuticas, como Estados Unidos e Inglaterra, este último comprador recente de uma partida de aviões Tucano.

Se a crise alcança sólida, eficiente e respeitável indústria aeronáutica, com abertura consolidada para o mercado internacional, pode-se imaginar o que sucede aos demais segmentos da economia. Na verdade, o depauperamento do sistema produtivo com certeza já atingiu os limites máximos, a julgar pela queda da produção industrial e pelas assombrosas taxas de desemprego. Só em São Paulo há quase um milhão e 200 mil trabalhadores fora do mercado. Em todo o Brasil são 4,8 milhões, afora os aproximadamente 40 milhões cronicamente à margem da população com participação ativa na economia.

Tais projeções deverão ser compulsadas pela missão do Fundo Monetário Internacional a partir de 1º de junho, quando aqui chega para examinar o desempenho da economia no primeiro trimestre do ano e o nível de cumprimento das metas pactuadas pelo Governo brasileiro junto à organização. Do ponto de vista conjuntural, os monitores do FMI encontrarão pressões inflacionárias ainda bastante fortes. Segundo a Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas, da Universidade de São Paulo, há tendência de crescimento este mês do nível de inflação, que deverá alcançar algo em torno de 0,5 ponto percentual acima do desempenho de abril.

Todos os dados se combinam para formar um panorama inquietador, sobretudo no tocante aos ácidos da inconformidade postos a fermentar no ambiente social, em razão do incremento nas taxas de desemprego. A retomada do crescimento econômico apresenta-se, destarte, como a saída estratégica para contornar a crise. Não há dúvida de que o reaquecimento da economia propiciará elementos estabilizadores indispensáveis para assegurar clima de segurança ao País. A recessão já foi aos seus últimos estágios e, se acaso, não cumpriu integralmente o papel que lhe foi destinado de acomodar o solo da economia, para fazê-la despontar em bases mais sólidas, por certo não irá operar mudanças significativas a partir de agora. A não ser que se queira conferir ao processo recessivo um sentido autárquico, isto é, que valha por si mesmo, e não como meio de favorecer a volta da estabilidade. A desestruturação financeira de uma empresa como a Embraer é um sinal claro de que está na hora de mudar, antes que a falência completa do sistema produtivo torne inviável a retomada do crescimento, quando se julgar oportuno fazê-lo.